

AS DIVERSAS UMBANDAS E UMA UMBANDA SÓ: A SACRALIDADE DOS TERREIROS DE RIO BRANCO¹

THE VARIOUS UMBANDAS AND ONLY ONE UMBANDA: SACRALITY IN THE GROUNDS OF RIO BRANCO

Carla Simone de Oliveira Peres
carla.peres@ufac.br
Maria de Jesus Morais
maria.morais@ufac.br

RESUMO

A Umbanda é uma religião afrodescendente que mescla elementos de diversas tradições religiosas. Este artigo tem como objetivo conhecer a diversidade da Umbanda, considerando as práticas rituais e a representação social das entidades espirituais nos terreiros umbandistas riobranquense. De início, o texto enfatiza o sagrado dos terreiros sob a ótica de seus dirigentes e médiuns, a estrutura organizacional e suas linhas de trabalho, assinalando as vertentes da Umbanda. A diversidade da Umbanda se mostra nos fundamentos dos terreiros a partir da base religiosa de cada dirigente, assim como também em seus rituais. O trabalho é discutido com base na Umbanda e suas “derivações”, abordando o sagrado dos terreiros e a representação social das entidades espirituais que se manifestam em terreiros umbandistas. Para construção desse diálogo utilizamos autores como Lapassade (1972) Hall (2016) Castells (1999) Saraceni (2017) dentre outros. Ao final concluiu-se que terreiros umbandistas são marcados por uma pluralidade religiosa que lhes confere uma diversidade nos fundamentos e nas práticas rituais. Logo entender a importância do reconhecimento da Umbanda enquanto um segmento religioso flexível, nessa construção identitária dos terreiros umbandistas, não diz o que é ou não Umbanda, mas assinala características específicas que esboçam as diferenças, mesmo estes, sendo iguais.

Palavras-chave: Terreiro; Umbanda; Diversidade; Sagrado; Macumba.

ABSTRACT

Umbanda is an Afro-descendant religion that Matches elements of Candomblé, spiritualism and popular Catholicism. This article aims to understand the diversity of Umbanda, considering the ritual practices and social representation of spiritual entities in the Umbanda Terreiros from Rio Branco. At first, this text emphasizes the sacredness of terreiros from the perspective of their leaders and mediums, the organizational structure and their lines of work, highlighting the aspects of Umbanda. The diversity of Umbanda is shown in the foundations of terreiros based on the religious basis of each leader, as well as in their rituals. This work is argued based on Umbanda and its “derivations”, addressing the sacred on Terreiros and the social representation of spiritual entities that manifests in Umbanda terreiros. To build this dialogue we used authors such as Lapassade (1972) Hall (2016) Castells (1999) Saraceni

¹ Este texto é uma versão revisada de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Aspectos socioidentitários de terreiros de Umbanda em Rio Branco-Ac”, defendida em 2023.

(2017) among others. In the end, it was concluded that Umbanda terreiros are marked by a religious plurality that gives them a diversity in their foundations and ritual practices. Therefore, understanding the importance of recognizing Umbanda as a flexible religious segment, in this identity construction of Umbanda terreiros, does not tell what Umbanda is or is not, but highlights specific characteristics that outline the differences, even though they are still the same.

Keywords: Terreiro; Umbanda; Diversity; Sacred; Macumba.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse estudo faz uma abordagem das diversas Umbandas no contexto sagrado dos terreiros em Rio Branco-Acre. Considerando que a Umbanda é um segmento religioso que compreende as mais diversas formas de acolhimento, informação, abertura, pluralidade, diversidade, esclarecimento etc., compreende-se que adentrar no mundo mágico dos terreiros umbandistas, **é deparar-se com** simbologias representadas nos diversos elementos que permeiam esse universo de terreiro como o Altar, pontos riscados (escrita simbólica), velas, incensos, tambores, etc. que dão sentido à sacralidade desses ambientes, permitindo o intercâmbio, mediante a incorporação, entre dois mundos o espiritual e o terreno.

A construção desse artigo tem origem a partir da pesquisa realizada em terreiros de Umbanda na Amazônia acreana, tendo em vista a Umbanda ter como origem a região sudeste.

Esse destaque se apoia no movimento incipiente de conhecimento, divulgação e notoriedade da religião se comparada aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde vertentes da Umbanda são facilmente encontradas e vivenciadas. Esse fato chama a atenção, pois, na Amazônia acreana, Umbanda e Candomblé, são facilmente confundidos.

No início da pesquisa, a questão da Umbanda e das Umbandas foi sendo (des)construída e mostrando, conseqüentemente a (re)construção de identidades outras, sem, no entanto, deixar de ser Umbanda. Esse entendimento nos remete ao pensamento de Alexandre Cumino (2015) ao explicar a Umbanda de forma simples em que o UM = Uno e BANDA = diverso, logo a unidade corresponde a essência e a diversidade corresponde a forma, por isso as diversas Umbandas.

A partir desse reconhecimento surgiram algumas indagações em torno de como identificar as características específicas dos terreiros, a partir de suas crenças e práticas rituais que apontaria essa diversidade da Umbanda? Existe relação entre a diversidade de práticas umbandistas e a construção da sacralidade nos terreiros? A diversidade da Umbanda, em suas diferentes interpretações e aproximações culturais convergem ou se contrastam na vivência religiosa dos adeptos e como isso influencia sua espiritualidade e crença?

O estudo foi conduzido em quatro terreiros umbandistas, a “Tenda de Umbanda Luz da Vida”, “Seara de Caridade Mãos de Luz”, “Centro de Umbanda Império das

Águas” e “Centro Espírita Umbanda Santa Bárbara”, situados em Rio Branco-Acre, dentre estes, três localizados na zona rural e um na zona urbana.

O percurso teórico-metodológico da pesquisa que originou este artigo é de abordagem qualitativa, pois permite compreender com maior profundidade a complexidade, a simplicidade e a singularidade dos quatros terreiros objeto desse estudo, assim como também o cotidiano do povo do Axé. Quanto aos procedimentos, utilizou-se como recurso a observação participante, com aplicação de questionários a 20 médiuns trabalhadores, sendo 5 de cada terreiro, indicados por seus sacerdotes. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas para coleta de informações, seguindo um roteiro de perguntas para nortear o diálogo, aplicadas aos 04 líderes dos terreiros, que foram gravados com as devidas permissões para uso e divulgação, sendo transcritas posteriormente.

O primeiro item tratará do terreiro enquanto lugar sagrado, a percepção dos sacerdotes e médiuns do “sagrado” em suas vidas e nas vivências de terreiro; e também uma abordagem sucinta de como se organizam os terreiros hierarquicamente.

No segundo item, portanto, será mostrado as linhas de trabalho dos terreiros, dividida em direita e esquerda, conforme a classificação seguindo historicamente o contexto político, social e econômico do surgimento da religião.

TERREIRO É LUGAR SAGRADO

Os terreiros umbandistas expressam em sua ritualística as formas variadas de fazer umbanda, com grande incidência de base kardecista, característica essa que segue o viés do contexto de surgimento da religião. A diversidade de terreiros umbandistas se define a partir dos fundamentos adotados por cada terreiro, vinculado a origem, ou seja, a base religiosa de cada dirigente, pai/mãe de santo. Nenhum terreiro de Umbanda é igual ao outro, pois cada um reflete muito da identidade de seu dirigente e do corpo mediúnic, considerando as influências culturais, regionais, religiosas e o orixá regente do sacerdote.

A pluralidade da Umbanda permite uma abertura para a “diversidade” na própria religião, conforme as formas de fazer, viver e ser Umbanda, que vai construindo as identidades desses terreiros compostas de similaridades, particularidades e diferenças.

Em suas mais variadas formas, esses territórios sagrados expressam muito da identidade de seu sacerdote, ou seja, a identidade dos terreiros umbandistas vai se construindo a partir dos fundamentos trazidos por cada dirigente, seja do candomblé, do kardecismo, do catolicismo e até mesmo desse contato com a cultura indígena, como no caso do terreiro “Tenda de Umbanda Luz da Vida”.

O cotidiano dos terreiros, falam por si, mostrando o que é Umbanda e o que é ser umbandista, muito embora, exista entre os próprios umbandistas e dirigentes de terreiros, a discordância entre o que é e o que não é Umbanda, a partir de um olhar externo lançado sobre o terreiro do outro e sobre seu ritual.

Os terreiros de Umbanda, inicialmente vão surgindo na própria casa do médium dirigente e conforme as pessoas vão buscando o lugar, o local vai tornando-se pequeno para abrigar as pessoas que procuram auxílio, fazendo com que ocorra o deslocamento para um outro espaço, o que aconteceu com os terreiros pesquisados que iniciaram seu funcionamento em suas casas.

A representação do terreiro enquanto espaço sagrado reverbera em cada um dos sacerdotes, de acordo com suas percepções como “escola da vida [...] aprender a se conhecer e se vencer de si mesmo.” (Mãe de Santo da Tenda de Umbanda Luz da Vida, informação verbal, 2020); “lugar de amor, de paz, de buscas, de conselhos, lugar de muita luz, de aconchego, de acolhimento, que as pessoas sempre buscam, na verdade né [...]” (Pai de Santo do Centro Espírita de Umbanda Santa Bárbara, informação verbal, 2020); “local sagrado, que traz uma paz de espírito, um consolo para alma e a matéria física.” (Pai de Santo do Centro de Umbanda Império das Águas, informação verbal, 2020). Na definição do Pai de Santo do “Seara de Caridade Mãos de Luz” (2021) o terreiro presta assessoria para a pessoa se desenvolver no sentido de se tornar um “ser” melhor, através dos ensinamentos “cristãos”².

Para os médiuns trabalhadores das casas, de forma geral, o terreiro representa um refúgio, um lugar de aconchego, mas também um lugar de despertar e aprendizagem. Representa ainda um segundo lar, onde se forma uma nova família, a família do Axé. O significado do terreiro ganha magnitude na fala dos filhos de santo como “um lugar que te recarrega, você pode estar nos seus piores dias, mas ir ao terreiro faz parecer que tudo passa, você se enche de esperança, de alegria, de fé e sente a capacidade de enfrentar todas as dificuldades.” (Cabocla Jacira, informação verbal, 2020)³. Ir ao terreiro se recarregar da energia ali existente, é se munir de forças, para não desistir de enfrentar as dificuldades no dia a dia.

O terreiro, portanto, vai expandindo seu significado conforme vai se diluindo no pensar do “neófito umbandista”, aquele que migrou de uma outra religião, principalmente, se esse neófito tiver vindo da igreja evangélica. “O terreiro é a minha igreja, minha paróquia, minha seara [...] renovo minha fé, falo com os guias, e saio cheio de axé, pronto pra enfrentar a vida na mais alta vibração e positividade.” (Caboclo Pena Branca, informação verbal, 2020)⁴ De base religiosa evangélica, o médium tem pouco mais de cinco anos na religião de Umbanda, o que de certa forma justifica a utilização dos termos “igreja” e “paróquia”.

O terreiro é o lugar que eu vivo o meu sagrado, que me ensina a ter uma consciência humana acerca das minhas ações e atitudes, primeiramente comigo e depois para com tudo a minha volta. Lá eu encontro as respostas necessárias para minha harmonização interna, onde eu busco informação e conhecimento

² O destaque na expressão chama atenção para a forma como o dirigente enxerga a Umbanda, restringindo-a aos ensinamentos cristãos, desconsiderando as outras matrizes que a compõe. Esse conceito se fundamenta na forma limitada de ‘ver’ do dirigente, visto que no terreiro é possível identificar a figura de Exu, contradizendo todos os princípios judaico-cristão.

³ (Cabocla Jacira, Tenda de Umbanda Luz da Vida, 2020)

⁴ (Caboclo Pena Branca, Centro de Umbanda Império das águas, 2020)

[...] é a casa que me acolhe nos bons e maus momentos, meu lugar de encontro com meus mestres, onde tenho respeito, tanto pelo espaço físico, quanto pela comunidade que nós formamos com nossa corrente de irmãos [...] para mim é meu encontro com Deus. (Caboclo Pena Verde, informação verbal, 2020)⁵

Toda a ambiência do terreiro é preparada para que as pessoas, ao chegarem ao local entrem em conexão com a espiritualidade, renovando suas energias diante desse eixo central, percebidos pelos filhos de santo, como um ponto de equilíbrio para suas vidas.

A compreensão “macro” dos terreiros edifica uma comunidade, de acordo com a colocação do Caboclo Ventania, “alheia” a sociedade que julga, condena e executa aqueles que acreditam em outras formas de pensar e viver o/no mundo.

Uma comunidade onde você pode ser quem você quer ser sem medo de preconceitos ou julgamentos de terceiros (sociedade). Terreiro é uma casa de reforma íntima, onde você aprende valores e obrigações que o tornam um ser humano menos preconceituoso, mais aberto ao diferente, mais humilde e aprende a valorizar coisas mais significativas do que os padrões de consumo impostos pela sociedade. (Caboclo Ventania, informação verbal, 2020)⁶

Essa dimensão de lugar sagrado, permite aos médiuns e aqueles que procuram por esse local, e, que se permitem a proposta espiritual da Umbanda, uma introspecção profunda no sentido de transformar-se e transformar sua percepção de mundo.

Cada terreiro tem fundamentos que os tornam únicos e raízes profundas assentadas na tradição africana e indígena, que transitam no cotidiano desses lugares sagrados. “Em algum momento a Umbanda praticada em muitos terreiros se encontra com o candomblé no culto dos mesmos Orixás.” (PEREIRA, 2014, p. 9)

Diferenças poderão e serão encontradas em terreiros por todo Brasil, como apontam os estudos de diversos umbandistas, mas a existência de três pontos são fundamentais para o local ser identificado como Umbanda. Os umbandistas acreditam em Olorum, um Deus único, o Poder Maior, a criação; os Orixás, como divindades são expressão do poder de Deus e os Guias Espirituais, as entidades que incorporam, representam a força. Essa representação em terreiros de Umbanda é muito bem definida. Assim como as culturas brasileiras justapostas encontradas nos terreiros de Umbanda representa a brasilidade da fé do povo brasileiro.

Os terreiros umbandistas seguem dentro do “ordenamento religioso” as diretrizes que estabelece sua estrutura organizacional de funcionamento como horário, vestimentas, hierarquia etc. Entendendo que os terreiros se constituem como instituição religiosa, embora não sejam reconhecidos como tal, para um funcionamento eficaz, necessita de ordem, normas estabelecidas e disciplina, criados por sua liderança.

Dessa maneira, os terreiros seguem uma ordem hierárquica no desempenho de funções específicas existentes em cada casa, conforme aponta Barbosa Jr. (2017) em sequên-

5 (Caboclo Pena Verde, informação verbal, Tenda de Umbanda Luz da Vida, 2020)

6 (Caboclo ventania, Tenda de Umbanda Luz da Vida, 2020)

cia o (a) Sacerdote/pai de santo ou Sacerdotisa/mãe de santo; Pai pequeno e/ou mãe pequena, conduzem os trabalhos na ausência do pai/mãe de santo; Curimbeiro ou atabaqueiro, responsáveis por tocar e cantar os pontos nas giras; **Médium iniciante, aqueles que ainda não incorporam; Médiuns em desenvolvimento, os que se encontram em processo de desenvolvimento mediúnico; Médium de trabalho, os que consultam nas giras de atendimento e por último e não menos importante o Cambone, médium auxiliar da entidade quando manifestada, atuando como um intérprete entre a entidade e o consulente.**

Na hierarquia espiritual, tem a entidade “regente” dos terreiros. No caso do “Centro de Umbanda Império das Águas” é Pai João de Angola; Na “Seara de Caridade Mãos de Luz” o Caboclo Rompe Mato; Na “Tenda de Umbanda Luz da Vida” o Caboclo Sete Flechas. São essas entidades, portanto, que direcionam os trabalhos a serem realizados. Cada um dos terreiros tem a frente de seus trabalhos, respondendo espiritualmente pela ordem, disciplina e orientação um caboclo ou preto velho.

LINHAS DE TRABALHO

As linhas de trabalho representam nos terreiros um grupo de espíritos que se manifestam com a mesma configuração fluídica, composta por espíritos da mesma categoria. Nos terreiros de Umbanda, essas linhas dividem-se em linha de direita composta pelos Pretos Velhos, Caboclos e Ibeijada, definidos como o tripé de sustentação da linha espiritual de Umbanda e a linha de esquerda que corresponde aos Exus e Pombagiras. Nesse sentido, destacamos que na construção do “ser”, enquanto indivíduo e sujeito, esse, precisa estar em funcionamento harmônico e equilibrado, para um desempenho satisfatório de si mesmo no sentido de sua existência. E o sujeito umbandista entende isso, a partir da segurança mediúnica adquirida em sua vivência de terreiro, partindo do equilíbrio das forças, direita e esquerda, existentes em si mesmo.

O “Centro de Umbanda Império das Águas”, a “Tenda de Umbanda Luz da Vida” e o “Seara de Caridade Mãos de Luz” trabalham com marinheiros, encantados, boia-deiros, pretos velhos, na linha de direita e na linha de esquerda com Exu e Pombagira; Nesse último fica evidente a influência do espiritismo kardecista, religião anterior do dirigente, pois as linhas de trabalho do terreiro além das citadas, agrega a falange de médicos espirituais da corrente de Bezerra de Menezes, corrente essa, muito forte dentro do kardecismo.

Na linha de direita, os Pretos velhos trazem consigo uma bagagem repleta de reflexões e autoanálises, de acordo com o cientista da religião, escritor, médium e sacerdote de Umbanda Alexandre Cumino, que implica nas relações e valores estabelecidos quanto aos credos e raças. Na figura de anciãos, os pretos velhos, transmitem valores, conselhos e orientações que servem como norte comportamental, no processo de evolução do ser humano. Entendendo que a sabedoria é uma capacidade que não depende da informa-

ção, ou seja, não é uma questão de inteligência, apesar da inteligência ser uma forma da pessoa se relacionar com situações e fatos da vida, a sabedoria vai muito mais além disso.

Essa sabedoria está ligada a cura emocional, a resiliência e ao perdão, muito ancorada na representação social dessas entidades, levando a pessoa a refletir sobre ações, atitudes e comportamentos adotados perante o mundo, incentivando-a a um mergulho fecundo em si mesma. O protagonismo da presença africana nos terreiros umbandistas ganha destaque na figura dos pretos velhos, muito presente na fundamentação religiosa da Umbanda, que conduz o coletivo a uma consciência comum, através dos ensinamentos transmitidos por essas entidades dentro dos terreiros. Não que isso remeta a condição de escravização dos negros, tendo em vista que as pessoas na época, principalmente os negros, não alcançavam a longevidade.

A escravização do negro como parte do processo de colonização, vinculou as práticas culturais e religiosas as raízes africanas, e, conseqüentemente aos primeiros movimentos do culto conhecido popularmente como “Macumba”. Culto esse em que pretos velhos e exus se manifestavam e era denominado de “baixo espiritismo”, por intelectuais do movimento espírita kardecista. Segundo Lapassade (1972) a expressão era o deslocamento da palavra mucambo, na identificação dos quilombos. Com significado desconhecido, esquecido e até mesmo suprimido, que ocultava e evocava emoções fortes e dolorosas nas pessoas que viviam nos mucambos, cultuando seus antepassados na preservação de uma memória ancestral para (re)existir.

A representação da macumba se reveste no imaginário popular de um negativismo da imagem dos Pretos Velhos muito ligada a figura do negro africano, e, de Exu e Pombagira, ligado a quebra dos padrões impostos, a liberdade de expressão que se traduz em seres subversivos. Esses padrões imaginários e pré-definidos **não cabem na construção social da realidade** no processo colonizador pelo qual foi submetido o povo brasileiro. A representação dessas imagens estaria contida no que Hall (2016) define por “Política de Imagem”. Essa noção de representação defendida pelo autor se refere ao que as pessoas pensam sobre o mundo, sobre o que são no mundo e que mundo é esse, sobre o qual as pessoas se referem, transformando em objeto de análise essas representações.

Essa perspectiva de Hall (2016) provoca um questionamento para alguns ou para aqueles que se propõe a ler e interpretar o que contêm a imagem, seus valores indo mais além, enxergar através dela.

Essa representação social de Pretos Velhos e Exus, leva os umbandistas, ao entendimento de como se construiu o mundo e seu funcionamento. São imagens que apresentam realidades, valores, identidades etc.

Lapassade (1972) esclarece que esses velhos da umbanda, retratam a relação dos escravos com as demais classes, representando o exercício dessas relações, a luta de classes,

no seu imaginário, a luta entre a lei de Umbanda e a revolta Quimbanda⁷, na representação dos Exus.

Para aqueles que vão a terreiros umbandistas, os pretos velhos são a mais pura representação do ancião sem letramento, mas de muita sabedoria e conhecimento, que escuta sem julgar, que ensina o que aprendeu, que aconselha, acolhe e que orienta com a grandiosidade do amor a todos, uma figura de vô/vó, como são carinhosamente chamados. Sem necessidade de muitos recursos para trabalhar, apenas um “toco” e um “pito” como costumam chamar a vela e o cachimbo, uma bengala e o café, preto velho senta no toco, faz o sinal da cruz, pede proteção a Zambi para os filhos de Jesus.

Outro enredo envolvendo a “macumba” apresenta outra compreensão de acordo com a teoria de Lapassade (1972) em relação a situação do negro brasileiro, favelado de hoje, que se encontra “parcialmente” liberto, ocupando ainda, uma posição social inferior. Tudo que faz parte dessa linha de trabalho diz muito sobre a condição do negro brasileiro.

A categoria espiritual preto velho, é, sem dúvida, a figura chave na umbanda, sendo uma das mais antigas, a mais encontrada nos terreiros e a mais citada em toda a literatura, como afirmam Negrão (1996) e Concone (2001). Esta configuração de categoria espiritual surge a partir de um processo sistemático de sacralização da figura do escravo negro de acordo com Souza (2006).

Importante deixar claro que mesmo as pessoas brancas são vítimas do preconceito e da intolerância religiosa, quando adeptas ou frequentadores de religiões afrodescendentes.

A segunda linha de direita corresponde aos caboclos que nos terreiros umbandistas, são relacionados histórica e socialmente a representação do índio, em uma configuração representativa de nacionalidade brasileira, e, em alguns terreiros agrega outras falanges como os boiadeiros, cangaceiros e baianos, falanges mais regionalizadas e que não aparecem em todos os terreiros. “Os caboclos são regidos pelo Orixá Oxóssi, são espíritos evoluídos que trabalham com ervas sagradas para cura de doenças e feitiço. Eles também têm a função de fazer a limpeza do terreiro.” (Pai de santo do Centro de Umbanda Império das Águas, informação verbal, 2021) Nos terreiros, os caboclos, trazem a força da terra, com domínio no manuseio das ervas no tratamento de doenças por meio de banhos e chás.

A força emitida pelo caboclo emana da terra e da natureza. Logo, para os umbandistas é fundamental despertar a consciência ecológica de manutenção e preservação da natureza e ao meio ambiente. Para isso não basta somente incorporar o espírito de um índio, é necessário ao sujeito umbandista incorporar os valores da terra e os valores da natureza.

⁷ Lapassade traz outra interpretação da Quimbanda diferente de Artur Ramos e Roger Bastide, que, historicamente encaixaram-na nesse lugar de “ritual que mata”, pelo contrário, é o ritual que traz o desejo de libertação aos homens. Faço esse esclarecimento para não ser esse o lugar a se colocar “Exu e Pombagira”. Considerando que, a percepção de Artur Ramos e Roger Bastide, acentuava mais ainda a visão “primitiva” sobre as práticas religiosas afro-brasileiras.

Na “Tenda de Umbanda Luz da Vida” a dirigente agregou ao seu terreiro, uma característica bem regionalizada, muito presentes em sua história, na sua espiritualidade e na sacralidade da Tenda. Seguindo as diretrizes estabelecidas na casa, é utilizado o chá da Ayahuasca, rapés e sananga voltado para os trabalhos com os filhos de santo. Para a comunidade da Tenda, o vegetal é uma bebida indígena sagrada que é utilizada em seu terreiro de Umbanda, vejamos:

Aqui as vezes eu dou numa gira, pros filhos beber e sentir as energias, a minha ancestralidade, a energia do vegetal, e do consulente, pra entender. E também dou pra desenvolvimento mediúnico.” (Mãe de Santo, informação verbal, 2021)

Essa pluralidade da religião, a torna ao mesmo tempo simples e complexa; Una e diversa, permitindo que outras vertentes de um mesmo segmento possam nascer a partir desse encontro de saberes, similaridades, particularidades e diferenças, sem que para isso deixe de ser Umbanda

A compreensão da tradição ameríndia pelos umbandistas, torna possível o despertar de uma consciência em relação ao meio ambiente e a natureza enquanto ecossistema em que, a vida acontece e renova-se constantemente, de forma harmônica, dando condições de sobrevivência as diferentes formas de vida existentes, entendendo que uma depende da outra para continuar existindo.

Na Tenda, os sujeitos conduzem suas experiências por meio de representações atribuídas aos elementos e compartilhadas entre si a respeito de quem são e de quem podem ou devem ser. Essa perspectiva deixa clara a definição de Castells (1999) sobre a identidade como um processo de construção de significados, em que atributos culturais se inter-relacionam, prevalecendo sobre outras fontes de significados, implicando nessa identidade de umbanda regionalizada de seu terreiro.

A busca da mãe de santo em ampliar seus conhecimentos espirituais junto as comunidades indígenas, somado a sua trajetória espiritual, traz um diferencial para seu terreiro, além da influência indígena na história da Umbanda, intensificando a característica marcante da região Amazônica, assinala a especificidade da Tenda de Umbanda Luz da Vida, com uma incidência maior da tradição indígena, promovendo inclusive, o encontro cultural a partir das vivências indígenas que ocorrem periodicamente, em datas previamente programadas, entre a comunidade do terreiro e os povos Huni kuin e Xanenawá. Essa troca de saberes acontece a partir da manifestação do sagrado vivenciado por esses sujeitos que se permitem viver o trânsito intercultural no interior de suas religiosidades.

A terceira linha corresponde aos Ibejis ou ibejadas, identificados nos terreiros na figura das crianças, Cosme e Damião. Assim como tantas outras como Mariazinha da cachoeira, Doum, Pedrinho da Praia etc. Nomes que os caracterizam e expressam uma identidade infantil, pautada na ingenuidade, pureza e inocência. Com grande poder mágico, energético e vibracional, traz alegria, vivacidade e engrandece o espaço de terreiro quando chegam para trabalhar. Geralmente, a celebração realizada nos terreiros para as crianças no dia 27 de setembro é uma festividade, pois é uma data comemorativa em

alusão à Cosme e Damião, com muita brincadeira e alegria das crianças que estão presentes e das entidades manifestadas em seus médiuns.

Na linha de esquerda, compreendidos e assentados no imaginário popular como seres demonizados, de acordo com o esquema católico, Exu e Pombagira tem lugar reservado em cada terreiro, na troqueira, fazendo a segurança do ambiente. “Exú são os guardiões da nossa casa e fazem a comunicação entres os encarnados e desencarnados.” (Pai de Santo do Seara Caridade Mãos de Luz, informação verbal, 2021)

Exu é, sem dúvida alguma, o tema mais complexo na religião de Umbanda, pois ainda pairam muitas dúvidas, para a maioria dos umbandistas, médiuns e simpatizantes sobre essa entidade que se manifesta nos terreiros. Em sua complexa dualidade, ele incita, a quem quiser, tentar desvendá-lo.

É natural e histórico que muito já se tenha ouvido falar de Exu, muito mais coisas negativas do que positivas em relação a essa entidade. Parte dessa visão deturpada se deve à falta de informação e ao comportamento equivocado de alguns dirigentes religiosos, segundo o Sacerdote Claudio Ricomini, que utilizaram e continuam utilizando a imagem e o universo mítico de Exu como algoz e como capataz.

Após esses mais de 100 anos de Umbanda muita coisa já foi dita sobre Exu. Sob a ótica positiva ele é considerado como o guardião, o protetor, o sentinela, a entidade que se faz necessária, na entrada de um terreiro para que a gira aconteça. Sob a ótica negativa existem histórias e relatos diversos creditados a Exu em consequência de vivências negativas de toda ordem e natureza, porém os relatos e histórias estão intimamente relacionados com o comportamento de médiuns desequilibrados e abusivos.

Nesse sentido, a representação de Exu, quando manifestado nos médiuns dos terreiros, fala mais sobre os sujeitos, do que mesmo sobre essa entidade. Ao cair no “abismo” de si mesmo, no processo de descobrimento, refazimento, cura e autoconhecimento, a pessoa pode absorver e sentir, diante dessa presença manifestada que, as imperfeições cabem a cada um, e que irão reverberar na postura comportamental da entidade quando manifestada em seu médium, assimilando tudo que o médium vibra em seu íntimo. Assim como também alguns exus refletem a essência positiva de seus médiuns. Exu não conta sua história legítima, ele simplesmente reflete aquilo que o médium é em sua essência e em sua natureza emotiva por meio da qual se manifesta quando incorpora. Dentro da Umbanda Exú é um mistério regente e que poucos tem conhecimento (SARACENI, 2017), portanto a entidade deixa livre, a vontade de quem quiser conhecê-lo e desvendar seu mistério. “Exu é nosso instinto e nossa emoção, aos quais absorve, assimila, interpreta segundo seu entendimento e depois exterioriza quando incorpora em seus médiuns naturais.” (SARACENI, 2017, p. 4)

De origem nagô yourubá, a palavra Èsù, significa *esfera*, que o coloca em constante movimento como fiscalizador do axé e do comportamento dos homens. No terreiro, Exu se movimenta em todas as direções nos quatros cantos (en)cantando, com força, poder, liberdade, magia e soberania.

Mas pensar Exu e Pombagira como guardiões e reduzi-los somente a condição de vigilantes do astral é limitar sua função a serviço da espiritualidade. Para além disso Exu é caminho, é possibilidade de descoberta, libertação de pensar, equilíbrio de vida e muito mais. “Exú na umbanda é a lei e ordenação, é caminho e energia, é vida é determinação. Exú é o vazio, é a esfera do todo. Exú é aquele que atirou a pedra no passarinho do amanhã e acertou o de hoje, é mistério.” (Mãe de Santo da Tenda de Umbanda Luz da Vida, informação verbal, 2021)

A expressão de Pombagira ao se manifestar nos médiuns aciona o imaginário das pessoas acorrentadas a um estereótipo de comportamento estigmatizado dessa entidade que as coloca no lugar de “prostituta”, faz com que se “conheça”, sem compreender o que de fato significa Pombagira, assim como Exu. A referência a Pombagira, corresponde também a sua popularidade, pois, em todas as igrejas, católicas, kardecista e evangélicas ela é bem conhecida. Assim como Exu é vinculado a representação da imagem do demônio com seu tridente, Pombagira é identificada como a “mulher demonizada”. Esses estereótipos são categorias que marcam de maneira agressiva e violenta o preconceito.

Na umbanda Exu e Pombagira são ordenadores da Lei Maior, da Justiça Divina. Se nem tudo é luz, há de haver escuridão. E para resgatar aqueles que eventualmente, quando encarnados falharam em sua caminhada terrena, há de ter um servidor da Lei, capacitado energeticamente para adentrar as camadas mais densas na recuperação de um “ser” caído, é Exu. Diversos são os caminhos de possibilidades que Exu expande nas encruzilhadas da vida dos sujeitos encarnados.

Exu de Umbanda, ou Exu de Lei, de acordo com a Umbanda, é um tipo de espírito, que pode estar em diversos níveis de luz, e que auxiliam os trabalhos espirituais, incorporando ou não nos médiuns, enquanto trabalham na lei de Umbanda são mensageiros dos orixás também, abrindo os caminhos. (Pai de Santo, informação verbal, 2021)⁸

A dualidade é parte de Exu e equivalente ao que existe no universo, na vida, nas coisas, na natureza, partindo do princípio de que tudo e todos para existir precisam do equilíbrio, e aí se encontra Exu. Essa dualidade muitas vezes é confundida, pelos próprios umbandistas na compreensão dessa entidade. Exu representa muito mais do que se pode ver; é preciso adentrar o universo magístico da religião e enxergar o próprio interior para compreendê-lo em sua essência e manifestação.

Lapassade (1972) destaca que a quimbanda, mal vista, mal interpretada e mal compreendida socialmente é o culto aos Exus. “Os umbandistas dizem que aí se pratica o mal, através da magia negra, que é desfeito pela magia branca da Umbanda. Por trás desse antagonismo e dessa luta, desdobra-se parte da história do negro brasileiro.” (p. 24)

A gira de Exu e Pombagira, comumente, são as mais frequentadas nos terreiros. Os trabalhos com essas entidades despertam encantamento e fascínio, expressos nas vestimentas, geralmente luxuosa, na ostentação, na alegria, nas falas livres etc.

⁸ (Pai de Santo do Centro de Umbanda Império das Águas, informação verbal, 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discorrido, retomo a questão da diversidade da Umbanda que se distingue a partir de suas práticas rituais nos terreiros umbandistas que variam em suas formas de culto, estrutura e fundamentos. Cada terreiro possui características distintas, segundo as influências da origem cultural e religiosa de seus sacerdotes, da região geográfica e de outros fatores sociais. Assim como as entidades apresentam características próprias que identificam sua linha de trabalho e uma representação social, segundo o arquétipo de cada um, em suas formas de atuação, o que enriquece ainda mais a diversidade nesse universo umbandista.

O objetivo desse artigo foi conhecer a diversidade existente nos terreiros umbandistas, considerando suas práticas rituais e o papel das entidades espirituais. Entendendo que os rituais podem variar de acordo com as influências culturais que caracterizam os fundamentos de cada terreiro conforme a base religiosa de cada sacerdote.

Trazer o que representa o sagrado dos terreiros pelas narrativas dos sacerdotes e médiuns deixa claro quão importante são os elementos, desde o chão sagrado, passando pelas ervas, o Altar, os pontos cantados, até a manifestação das entidades no momento de incorporação, e o sentido que o terreiro tem na vida da comunidade umbandista. Significando um universo “micro”, no interior de um universo “macro” que os oprime, reprime, anula, invisibiliza, dentre outras formas de controle, mas que mesmo imperceptível vive e revive as memórias cotidianas dos ensinamentos de sabedoria, de força, resistência, saberes que, entrelaçados nas experiências vivenciadas nos terreiros ensinam a todos desde o sacerdote até os frequentadores e visitantes, sobre vida-morte, morte-vida, encantamento, acolhimento, simplicidade, pertencimento, **fé** entre tantos outros ensinamentos.

Nessa interpretação, foi possível identificar o terreiro como parte da “escrivência” das comunidades umbandistas, que em meio ao trânsito dos encontros e afetos, histórias individuais se reconhecem, se complementam e escrevem outras histórias a partir das experiências e vivências do cotidiano de um coletivo umbandista.

Constatou-se também que **é imprescindível reconhecer o papel central das entidades espirituais nos terreiros umbandistas**. Para além de sua representação social, as entidades provocam o repensar da comunidade umbandista a partir dos ensinamentos transmitidos quando manifestadas, sendo compreendidas e referenciadas como guias, mentores, mestres espirituais e/ou ancestrais.

É importante destacar que a diversidade na/da Umbanda não se trata de uma fragmentação ou falta de unidade da religião, mas sim de uma expressão da pluralidade de vivências, experiências e crenças presentes nos terreiros umbandistas.

Encerro esclarecendo que minha colaboração **não** finaliza ao término desse trabalho, pois futuras pesquisas e estudos podem surgir a partir desta temática. Além disso, a diversidade de terreiros umbandistas é um aspecto a ser explorado no sudoeste da

Amazônia, promovendo a compreensão das religiões afrodescendentes, uma vez que a Umbanda incorpora diversos elementos de outras tradições religiosas, refletindo a pluralidade de identidades que se traduz na brasilidade da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA JUNIOR, A. **Teologia de Umbanda e suas dimensões**. São Paulo. Anúbis, 2017.
- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CONCONE, M. H. V. B. Caboclos e pretos-velhos da umbanda. In: PRANDI, Reginaldo. (Org.) **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados** (pp. 281-303). Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- CUMINO, A. **Fragmentos de Umbanda: pensamentos e reflexões**. São Paulo. Madras, 2015
- HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução Daniel Mirando e William Oliveira. Rio de Janeiro. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- LAPASSADE, G. & L., M. A. **O Segredo da Macumba**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- NEGRÃO, L. N. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1996.
- PEREIRA, M. I. de C. **Linguagem do cotidiano em tendas, comunidades, fraternidades centros e barracões de Candomblé, Umbanda e outros cultos de raiz afro-brasileira**. Ituiutaba: Barravento, 2014.
- SARACENI, R. **Livro de Exu: o mistério revelado**. São Paulo: Madras, 2017.
- SOUZA, M. D. de. **Pretos-velhos: oráculos, crença e magia entre os cariocas**. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2006.